

Reajuste de combustíveis terá impacto relevante na inflação

Energia Estatal aumentou gasolina em 18,7% e diesel em 24,9% depois de 57 sem mexer nos preços

Petrobras reajusta combustíveis, mas defasagem continua

André Ramalho e Gabriela Ruddy
Do Rio

Ao aumentar em 18,7% o preço da gasolina e em 24,9% o do diesel a partir de hoje, nas refinarias, a Petrobras optou por repassar parcialmente, para o mercado doméstico, os efeitos da valorização recente do petróleo. A companhia não anulou a diferença de seus preços em relação à paridade de importação, mas volta a operar com defasagens dentro dos parâmetros pré-guerra na Ucrânia.

Os novos reajustes abrem espaço para viabilizar mais importações, num momento em que a oferta de derivados dá sinais de estresse em algumas regiões. A expectativa, contudo, é que poucas empresas se arriarão no mercado externo, enquanto os preços da Petrobras continuam defasados.

A petroleira estava há 57 dias sem mexer nos preços do diesel e gasolina. A estatal também aumentou em 168 o preço do gás liquefeito de petróleo (GLP), depois de manter os preços do "gás de cozinha" congelados por 152 dias.

Os reajustes pressionarão os preços ao consumidor. A Ativa Investimentos estima que o aumento dos preços nas refinarias deve levar a uma alta de 6,2% no preço da gasolina nas bombas. Se confirmadas as projeções, o preço médio do combustível pode ultrapassar os R\$ 7 o litro no país — realidade, aliás, já encontrada em algumas praças, como o Rio de Janeiro, mesmo antes de a Petrobras anunciar o reajuste. O litro da gasolina era

vendido na quarta-feira, em média, a R\$ 6,778, segundo pesquisa de mercado da Ifnal Research.

Segundo fontes, os efeitos do reajuste da Petrobras já podem começar a ser sentidos nos postos no fim de semana, sobretudo em regiões de maior movimento, onde as distribuidoras fazem compras diárias e os preços são atualizados, portanto, com mais velocidade.

A Petrobras justificou que não repassou a volatilidade, num primeiro momento, mas que, após os preços internacionais terem se mantido "consistentemente elevados", o reajuste se tornou necessário "para que o mercado brasileiro continue sendo suprido, sem riscos de desabastecimento, pelos diferentes atores responsáveis pelo atendimento às diversas regiões".

Com o aumento, o preço médio da gasolina nas refinarias da Petrobras custará R\$ 3,86/litro. No caso do diesel, o valor cobrado subirá para R\$ 4,51 litro, enquanto o quilo do GLP vai para R\$ 4,48. A esses valores se somam impostos e encargos de distribuição e revedida.

Mesmo assim, o Goldman Sachs estimou que os preços da estatal ainda se mantinham, ontem, 6% abaixo do preço de paridade de importação (PII) no diesel e com defasagem de 12% na gasolina.

Segundo a Associação Brasileira de Importadores de Combustíveis (Abicom), a Petrobras volta, agora, a trabalhar com parâmetros de defasagem próximos aos níveis anteriores. Em fevereiro, antes mesmo da invasão da Ucrânia pela Rússia, a estatal ignorou o preço

de mercado negociado acima de US\$ 90, e estatal, ao segurar os repasses, vinha praticando preços entre 6% e 13% abaixo do PPI.

A Petrobras dá um sinal positivo ao mercado de que está disposta a continuar a repassar, ainda que parcialmente, a alta dos preços internacionais. Na bolsa, as ações da petroleira recuperam parte das perdas da semana e subiram 2,8% (ordinárias) e 3,5% (preferenciais). Para o IBS BR, o reajuste "destaca a sólida governança da empresa e a livre política de preços, apesar de todo o barulho dos últimos anos".

A diretora de downstream [abastecimento] do Instituto Brasileiro de Petróleo (IBP) Valéria Lima, afirmou que os reajustes reduzem riscos para a operação de outras empresas e ampliam a segurança no abastecimento. "É importante indicar que não há controles de preços no Brasil e que os importadores podem trazer cargas de fora e vendê-las no país", disse Lima.

Com o agravamento da guerra na Ucrânia, a defasagem da Petrobras para o PPI havia atingido patamares muito elevados — de 20% a 40% desde a última semana — e que já começavam a dar sinais de desequilíbrio no funcionamento do mercado em algumas praças. Segundo uma fonte do setor, algumas distribuidoras pediram para que revendedores ajudassem a racionalizar, sobretudo, diesel 5-10.

As sondagens privadas afirmam que, mesmo com o aumento dos preços da Petrobras, as janelas seguem fechadas para as importadoras associadas à Abicom — que



Joaquim Silva e Lana: conversas com o governo e defesa dos reajustes contra o risco de desabastecimento

acusam a estatal de segurar reajustes sistematicamente e não têm conseguido realizar operações em 2022. Já a Petrobras informou que mantém o compromisso com preços competitivos e em equilíbrio com o mercado, ao mesmo tempo em que evita o repasse imediato das volatilidades externas "causadas por eventos conjunturais".

"É muito importante que a Petrobras siga perseguindo a paridade de importação, para a construção de um ambiente de negócios favorável e para a realização de investimentos. É uma pena que a companhia tenha demorado quase 60 dias para fazer essa movimentação", disse o presidente da Abicom, Sérgio Araújo.

A expectativa, porém, é que o reajuste da Petrobras viabilize mais importações por parte das grandes distribuidoras. "O reajuste afasta a possibilidade de falta de

produto. Mesmo que ainda exista uma diferença em relação aos preços internacionais, o mercado é dinâmico, então podem aparecer oportunidades de acessar produtos para importar que tenham um preço mais em conta. Antes, a diferença era tão grande que não se conseguia vislumbrar essa oportunidade", disse um executivo.

Empresas como a Vibra, Raizen e Ipiranga têm redes próprias maiores, com contratos de exclusividade de fornecimento, e geralmente mantêm as importações mesmo durante momentos de defasagem nos preços da Petrobras. Com uma rede grande de postos bandeirados e volumes gigantes, elas têm menos dificuldades na hora de diluir custos. Mesmo assim, elas não vinham passando ilhas.

A Ipiranga, por exemplo, comunicou aos revendedores, nesta semana, que analisaria cada pedido

dos clientes antes de liberar as entregas de diesel — sinal de que a oferta está curta, dizem fontes.

Do lado político, há quem avale que o reajuste pode colocar nova pressão sobre a Petrobras. O alinhamento dos preços da estatal ao mercado internacional é also de críticas da oposição e do governo de Jair Bolsonaro — que, segundo fontes, pressionou o presidente da petroleira, Joaquim Silva e Lana, a congelar os preços temporariamente. O general, por sua vez, vinha defendendo a necessidade dos reajustes, devido aos riscos de desabastecimento. Ontem, o ministro da Economia, Paulo Guedes, negou que o governo tenha cogitado mudar a política de preços da Petrobras. "Dada a magnitude dos ajustes, acreditamos que isso pode levar a mais ruído negativo do governo em torno da política de preços", ressaltou o Goldman Sachs.

Decisão mostrou força da estatal, mas deflagrou reação

Estevão Talar, Lu Alão Otta, Mathues Schuch e Cristiano Romero
De Brasília

A decisão da Petrobras de reajustar ontem os preços dos combustíveis provocou mal-estar em Brasília. Como hoje há uma lei que autoriza a estatal a corrigir os valores de acordo com a variação da cotação do barril do petróleo no mercado internacional, o governo não tem poder para proibir a empresa de aumentar preços. Qualquer mudança na atual política de preços teria que ser aprovada pelo Congresso Nacional.

"Nunca pensamos em alterar a política de preços", disse o ministro da Economia, Paulo Guedes, durante entrevista concedida ao lado

do ministro das Minas e Energia, Bento Albuquerque. "Isso é uma lei, não é vontade do governo A, B ou C", observou Albuquerque, chefe de Gabinete da Petrobras, agora, a trabalhar com parâmetros de defasagem próximos aos níveis anteriores. Em fevereiro, antes mesmo da invasão da Ucrânia pela Rússia, a estatal ignorou o preço

de mercado negociado acima de US\$ 90, e estatal, ao segurar os repasses, vinha praticando preços entre 6% e 13% abaixo do PPI.

A Petrobras dá um sinal positivo ao mercado de que está disposta a continuar a repassar, ainda que parcialmente, a alta dos preços internacionais. Na bolsa, as ações da petroleira recuperam parte das perdas da semana e subiram 2,8% (ordinárias) e 3,5% (preferenciais). Para o IBS BR, o reajuste "destaca a sólida governança da empresa e a livre política de preços, apesar de todo o barulho dos últimos anos".

mesmo sendo o Tesouro Nacional seu acionista majoritário.

Mas, a classe política reagiu, inclusive, com a ajuda da oposição, com a aprovação pelo Senado de dois dispositivos legais que, na prática, dividem entre a União, os Estados e a Petrobras o custo dos combustíveis. A estatal pode ser obrigada a enfrentar o custo, numa estrutura verticalizada, isto é, de dominância de todos os segmentos da cadeia produtiva de petróleo. Diante disso, uma vez que existe uma lei que dá autonomia à companhia

para aumentar preços, o Cade, o tribunal administrativo que julga casos de concentração econômica, pode declarar "abusivos" os reajustes praticados pela empresa. E, assim, aplicar-lhe "remédios".

O ministro Paulo Guedes, que já defendeu a privatização da empresa por meio de um modelo em que ela seria dividida em várias unidades para não se tornar, também, um monopólio privado, indicou que, no futuro, prevalecerá concorrência. "Agora, cada um vai ter um remédio para o futuro", afirmou. "Eu quero mais competição, mais exploração de petróleo, aumentando a oferta global, fazendo uma transição em direção à energia

verde".

Segundo Guedes, o foco em medidas que atenuem a alta exclusivamente do diesel "foi pedido do presidente" Jair Bolsonaro (PL). "Gasolina é outra história", disse. Dos 60 centavos que ser reduzidos em decorrência dos projetos aprovados no Senado — até o fechamento desta edição, 27 estão sendo colocados em uma ferramenta, disse. Tanto Guedes quanto Albuquerque negaram que tenham discutido na reunião mudanças na política de preços da Petrobras.

Em live, o presidente Bolsonaro lamentou o fato de a Petrobras não ter esperado para reajustar o preço dos combustíveis na semana que vem.

Com aumento, general convoca mercado para enfrentar cavalo de Troia no conselho

Análise

Maria Cristina Fernandes
São Paulo

Um dos inspiradores, o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), passou recibo. No Twitter, confessou-se cercado pela tática do general: "Me causou espanto a insensibilidade da Petrobras com os brasileiros — os verdadeiros donos da companhia. O aumento de hoje foi um tapa na cara de um país que luta para voltar a crescer".

A alegação de que a substituição do almirante Eduardo Leal Ferreira pelo empresário Rodolfo Landim havia se dado em razão da política de preços da Petrobras teve vida curta. O mandato de Landim, se aprovado pela assembleia de acionistas, pode vir ter outras motivações, como a política de investimentos da estatal e o socorro a setores empresariais politicamente respaldados, mas não a política de preços.

Sua aprovação e os rumos da relação do conselho com a direção da empresa dependem de fatores ainda não completamente mensuráveis. Primeiro terá que convencer a assembleia de acionistas que os conflitos de interesse que acumula para o desempenho da função não são impedimento. Depois terá que mover, favoravelmente para suas teses, conselheiros costumadamente atraídos para a esfera governamental pela oferta de vagas em conselhos de outras empresas públicas.

Essa queda de braço se desenrola em meio a uma tensão crescente provocada por uma inflação projetada em 7%, o que pressionará ainda mais a política de preços, e, consequentemente, a reeleição do presidente Jair Bolsonaro. Ainda não se sabe como essa nova política de preços, que mal começou a tramitar, pode mediar esse impacto.

Ao liberar o reapresentamento do reajuste, de quase dois meses para a gasolina e o diesel, e de cinco meses para o gás de cozinha, a despeito do impacto sobre a popularidade de Bolsonaro, o gene-

ral Silva e Lana mantêm-se filiação à ala militar que não abre mão do contraponto ao presidente.

A ideia de que os militares servem de contraponto a um personagem como Bolsonaro, cada um vai ter um remédio para o futuro", afirmou. "Eu quero mais competição, mais exploração de petróleo, aumentando a oferta global, fazendo uma transição em direção à energia verde".

Segundo Guedes, o foco em medidas que atenuem a alta exclusivamente do diesel "foi pedido do presidente" Jair Bolsonaro (PL). "Gasolina é outra história", disse. Dos 60 centavos que ser reduzidos em decorrência dos projetos aprovados no Senado — até o fechamento desta edição, 27 estão sendo colocados em uma ferramenta, disse. Tanto Guedes quanto Albuquerque negaram que tenham discutido na reunião mudanças na política de preços da Petrobras.

Em live, o presidente Bolsonaro lamentou o fato de a Petrobras não ter esperado para reajustar o preço dos combustíveis na semana que vem.

Em 'choque', caminhoneiros criticam 'facada do governo'

Daniel Rittner e Fernanda Pressinott
De Brasília e São Paulo

Lideranças dos caminhoneiros reagiram ontem ao anúncio de reajuste dos combustíveis falando em "estado de choque" e de "facada do governo". Eles pretendem mover ações judiciais contra o aumento e fazer uma ofensiva na fórmula de preços dos combustíveis. O aumento do óleo diesel será de quase 25%.

Caminhoneiros ouvidos pela reportagem descartam uma paralisação nos próximos dias em resposta ao aumento.

"O reajuste do diesel não é mais só um problema dos caminhoneiros. Se a população não se mobilizar, ninguém vai mais comer ou consumir nada", disse o presidente da Associação Brasileira dos Condutores de Veículos Automotores (Abrava), Wallace Landim, o Choroão, um dos principais líderes do movimento grevista de 2018.

"Nós, caminhoneiros, não te-

mos mais como mobilizar sozinhos. Esses aumentos atingem a todos. Então, pobres, classe média tem que ir às ruas. Nesse caso, os motoristas darão apoio", afirmou Choroão. "As transportadoras vão repassar, ninguém vai trabalhar no vermelho", destacou.

"Foi uma facada. O clima nas estradas é o pior possível", afirmou o deputado Nereu Crispim (União-RS), presidente da Frente Parlamentar Mista dos Caminhoneiros Autônomos e Celetistas — que aposta em uma medida judicial contra o aumento. A Frente Parlamentar Mista dos Caminhoneiros Autônomos e Celetistas também disse ontem que buscará esse caminho.

A Associação Nacional dos Transportadores do Brasil clássico o reajuste como "abuso contra os caminhoneiros e toda a sociedade" enquanto a Associação Nacional do Transporte de Cargas e Logística afirmou que o aumento "acarreta a necessidade de reajuste adicional no frete de, no mínimo, 8,75%".

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Brasil **Caderno:** A **Página:** 4